

1993

SOMOS BICAMPEÕES DO MUNDO

ZETTI

1993

SOMOS BICAMPEÕES DO MUNDO

por **André Plihal**



© Zetti e André Plihal

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Foto de capa
Jorge Araújo/ Folhapress

Diretora comercial
Patty Pachas

Diagramação
Daniel Argento

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Preparação
Luis Curro

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Revisão técnica
Sérgio Miranda Paz

Assistentes editoriais
Lucas Santiago Vilela
Mayara dos Santos Freitas

Revisão
Juliana de Araujo Rodrigues

Assistentes de arte
Carolina Ferreira
Daniel Argento

Impressão
Cromosete

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Zetti

1993: Somos bicampeões do mundo/ Zetti, André Plihal. – São Paulo: Panda Books, 2013. 136 pp.

ISBN: 978-85-7888-331-7

1. São Paulo Futebol Clube – História. 2. Clubes de futebol – São Paulo (SP). 3. Futebol – Brasil – História. I. Plihal, André. II. Título.

13-06103

CDD: 796.334098161
CDU: 796.332 (815.61)

Parceria:

Raí+Velasco

2013

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedico este livro ao meu pai, Antônio Quagliato, e ao meu avô, de quem carrego mais que o nome, Armelino Quagliato. O primeiro testemunhou pela televisão nossas façanhas em Tóquio. Sofreu e vibrou com as conquistas. O segundo, não. Já havia se despedido quase dez anos antes. Mas os ensinamentos, princípios e incentivos do “vô” Armelino estarão comigo eternamente. Ele esteve comigo a cada defesa.

Zetti

Você pode conviver 16 anos com uma pessoa e não conhecê-la direito. Foi o que aconteceu comigo. A mulher da minha vida é um ser humano muito mais bonito do que eu imaginava. A beleza do meu grande amor não é apenas a que os outros veem quando ela surge. O interior e o exterior dela são absolutamente proporcionais. Este trabalho é seu, Kika.

André Plihal

Sumário

Prefácio	9
Palavra dos autores	11
Zetti.....	11
André Plihal.....	13
O palco dos campeões	18
Aquecimento: sequência admirável	20
Aperta o play, bola rolando em Tóquio	25
Conquistando jardas	35
Carregadores de piano de cauda	41
A Terra do (incômodo) Sol Nascente	44
O grande ato do Toninho	47
Calcanhar de anjo	55
Direto para a seleção	61
O “chá do Zetti”	64
Depoimentos	67
Campeões do mundo falam sobre a conquista.....	68
A visão jornalística do Mundial de 1993.....	70
Jogos da temporada de 1993	73
Agradecimentos	99
Referências bibliográficas	101

Prefácio

Nasci em 1973, escrevo em 2013. No meio da minha existência pude viver um dos momentos mais especiais da minha carreira.

Eu estava lá, não fiz gol e nem defendi a bola do jogo, era apenas um jovem que desejava vencer, que sonhava ver o meu time fazer história.

Tive a oportunidade de sentar ao lado de Telê, conviver com Cafu, Ronaldão, aprender muito com o Zetti. Eu joguei com Toninho Cerezo e Leonardo, vibrei com o talento de Palhinha.

Aos 41 minutos do segundo tempo da grande final, quando Müller pulou de costas para dividir aquela bola com Rossi, eu, aos vinte anos de idade, estava de frente para o lance. A trinta metros de distância eu vi aquela bola entrar.

Sinto-me honrado em fazer parte dessa geração, pois esses caras me fizeram compreender o valor de ser campeão. Ajudaram-me a entender qual é o real tamanho deste clube, fizeram-me prosseguir incansavelmente até encontrar, 12 anos depois, o terceiro Mundial.

Eles me explicaram o sentido daquela frase vista nas bandeiras da torcida nas arquibancadas: “Para conquistar o mundo é preciso atravessá-lo”.

Vinte anos se passaram, todos esses monstros já encer-
raram suas brilhantes carreiras, mas, no fundo, ao fechar os
olhos e voltar ao passado, eles continuam a jogar dentro da
minha imaginação.

Espero que com este livro vocês possam reviver comigo
toda a minha emoção, porque quando dois talentos como Zetti
e André Plihal se juntam para contar um dos maiores anos da
história tricolor isso só poderia acabar em BIMUNDIAL.

Rogério Ceni

Goleiro do São Paulo desde 1990

Palavra dos autores

ZETTI

Quando ouvi o apito final do jogo entre São Paulo e Milan, logo pensei em meu pai, Antônio. Ele e meu avô foram as pessoas que mais me incentivaram no futebol e na vida, e, de certa forma, aquele título era deles também.

Hoje, quando penso na minha trajetória, percebo que deixei algumas memórias perdidas pelo tempo. Ao ver os clubes atuais disputando o Mundial, penso logo em falar para cada um dos jogadores: “Anote tudo, faça um diário, daqui a vinte anos você entenderá o porquê”.

Nestas páginas está exposto todo o meu orgulho de fazer parte da história do título de 1993. Hoje em dia, conquistá-lo duas vezes consecutivas é uma façanha. É difícil manter a constância e a união.

E nesse assunto o Mestre Telê Santana tem todo o mérito. Ele queria a perfeição e exigia isso de cada um do elenco. Eu, claro, não cheguei lá. Mas tentei muito, repeti defesas incansavelmente, busquei a excelência. E o sacrifício valeu muito a pena. Cada esforço, cada bronca, cada treino, cada tombo.

No Mundial de 1992, pairava uma energia muito diferente. Havia um tom de brincadeira entre os jogadores, aquilo tudo era inédito, ninguém exigia nada de nós. Mas em 1993 tínhamos a responsabilidade de defender esse título. E a cobrança vinha de todos os lados: da diretoria do São Paulo, da torcida e, claro, de nós mesmos.

Lá eu era parte de um time que jogava unido. Aqui sou personagem de André Plihal, e vale a pena saber como nos conhecemos.

Havia tirado férias em 1991 e viajei para Ubatuba, litoral paulista. Lá, queria muito mergulhar, mas não tinha os equipamentos necessários. Por isso perguntei a um grupo de jovens que estava reunido na praia se alguém poderia me ajudar. Um deles, muito solícito, disse que me emprestaria os dele.

Aquele jovem era o André, e anos depois ele me contou que, na verdade, não tinha o que eu queria, mas percorreu a praia toda à procura dos objetos para atender ao meu pedido.

Nossos destinos se cruzaram novamente 22 anos depois: eu como personagem de um livro, e ele como o escritor. E juntos escrevemos essas páginas para recordar um título inesquecível que merece ser passado para todas as gerações.

ANDRÉ PLIHAL

Pense na situação. Você tem 16 anos de idade, está passando férias em Ubatuba, jogando bola na praia do Lázaro.

Jogando no gol. Você é doido por futebol, fanatismo grau mil.

No meio da pelada alguém te dá um tapinha nas costas. Você vira e esse alguém é o goleiro do seu time do coração. E ele diz: “E aí, garoto, tudo bem? Quero ver se você pega mesmo”.

Quem disse que eu um dia me gabei de ser bom goleiro? Tá, admito, no fundo (nem tão no fundo) eu me achava bom goleiro. Mas daí a ser avaliado por meu ídolo da posição vai uma distância maior que os sete metros e 32 centímetros que separam uma trave da outra.

As minhas pobres traves eram delimitadas por chinelos, e o goleirão não foi parar ali por acaso. No dia anterior – aí sim uma enorme sorte minha –, ele e o zagueirão do meu time, Ronaldo (cujo apelido era o aumentativo do nome), abordaram-me com um pedido que, claro, recebi como uma ordem.

O pedido-ordem e o cumprimento dele já foram revelados pelo personagem central deste livro e, quero deixar claro que, se a dupla me pedisse chifres de hipopótamo, eu arrumaria.

Na hora da “entrega”, entrei rapidamente na casa dos super-heróis e fui otimamente recebido. Não acreditava que aquilo estava acontecendo.

Passadas as férias, apareci um dia no centro de treinamento do clube, e não é que os caras se lembraram de mim? O goleiro ainda me deu uma carona, deixando-me perto de casa.

Isso foi em 1991, ainda no início de uma fase gloriosa, a mais fértil em conquistas na história do meu time. Para se ter ideia, no meio de 1993 o goleiro já havia me dado seis campeonatos, sendo duas Copas Libertadores e um Mundial de Clubes.

Antes de ganhar o segundo Mundial, ele foi envolvido em um tremendo mal-entendido, passando uma semana do cão. Tomou chá de coca na Bolívia, e seu exame antidoping deu positivo.

O metido aqui descobriu o seu endereço, pegou um ônibus e quando chegou, ao ver o tumulto instalado na porta do prédio, resolveu deixar uma carta de apoio. O pesadelo terminou rápido. Durou menos de cinco dias.

Sonho que não acaba nunca é o de janeiro de 1991. A tarde em que o goleiro do meu time parou para me ver jogar. A tarde em que decidi que nenhuma bola entraria. No gol que eu defendia, em hipótese alguma! Pulava em todas com uma coragem que a praia do Lázaro certamente jamais viu.

Tá bom, tá bom. Teve uma que não teve jeito. Olhei para trás preocupado e ouvi a curta e confortante frase: “Essa nem eu”.

Bondoso. Ele pegaria de olhos fechados.

Bondoso, ele me permitiu que invadisse sua história, escrevendo um livro sobre o ano mais vencedor de uma carreira sem manchas.

Limpa como o caráter de alguém capaz de guardar por vinte anos cartas escritas por fãs na pior semana de sua vida. Encontramos a minha, e ele se emocionou tanto quanto eu. Reação que diz muita coisa.

Tenho quase certeza de que o meu ídolo, o gigante Zetti, também me ajudou nas defesas do Lázaro.

Zetti, te conheci em
Ubatuba nas Férias
de 91 e já tive a
oportunidade de conversar
com você no CT e no Torun-
bi várias vezes.

A minha impressão a seu
respeito é e sempre vai
ser a melhor possível.

Tenho absoluta certeza
que essa fase é somente
um obstáculo, e que você
só irá se fortalecer
ainda mais.

Não tenho a menor
dúvida que o seu futuro
vai continuar sendo
repleto de glórias e conqui-
stas, em todos os aspectos.

Sei que não posso fazer
muito por você, mas se
precisar com certeza pode
contar comigo.

Eu e todos ^{estamos} torcen-
do muito por você. →

Um grande abraço do
Zetzi

André Plihal
Tel: 843-43-04
TT/otuzibi

Carta escrita a mão por André Plihal para Zetti na dramática semana da suspensão por doping.

O palco dos campeões

“We are the champions, my friends
And we’ll keep on fighting
‘Till the end”
(*We are the champions*, Queen)

Do campeonato interescolar, passando pela várzea, pelo “interno” da empresa, até a final da Copa do Mundo. Não há celebração de título que não tenha como fundo musical a canção-hino escrita por Freddie Mercury na década de 1970.

Nossa segunda conquista em Tóquio não fugiu à regra. Mas duvido que haja algum time, não importa a modalidade, que tenha criado versões tão estapafúrdias e tão mal cantadas desse sucesso da banda Queen quanto a gente. As dificuldades iam muito além da pronúncia completamente equivocada. Nosso domínio da língua inglesa se mostrava inversamente proporcional ao domínio da bola, dos adversários, dos campeonatos.

Conquistamos de vez também a torcida japonesa, que pirava ao ver qualquer objeto com o escudo do São Paulo Futebol Clube. Chaveirinhos, canetinhas, adesivos. O artigo que fosse. Tendo o “coração de cinco pontas tricolor”, valia ouro.

Vi muitos serem trocados por relógios caros na saída do Estádio Nacional.

Àquela altura, já estávamos encharcados das champanhes estouradas no vestiário. Nem “seo” Telê escapou.

Entregarei neste livro o responsável pelos brindes e banhos de espumante, o mesmo que, aos berros, desabafava perguntando: “Cadê o velho? P... na b... deles!”.

Os mais rigorosos falaram que o time não repetiu o brilho de 1992, que demos sorte conseguindo a mágica de marcar três gols em dois ataques. Discordo. Não se pode menosprezar o primeiro gol de “letra psicografada” da história do futebol.

Sáimos do Brasil desacreditados pela imprensa, cansados pela quase centena de jogos, com atletas lesionados. Voltamos consagrados.

Nós lutamos muito. Até o fim. Não há vez para perdedores. Pois nós somos os campeões do mundo. Sim, “cause we are the champions of the world”.

Podíamos não saber cantar *We are the champions*, mas intrinsicamente entendíamos cada verso entoado por Freddie Mercury. Vencer fazia parte da nossa natureza.

De tanto ouvir, devíamos conhecer essa música de cor e saltado. Mas na verdade preferíamos outro hino. O que diz que, entre os grandes, o São Paulo é o primeiro.

Aquecimento: sequência admirável

Trinta e dois minutos do segundo tempo. Um Morumbi abarrotado com 95 mil são-paulinos. Barrera entra na nossa área, bate forte, eu espalmo para frente. Percebendo a chegada de Reynoso, saio com os pés e defendo o rebote. O primeiro rebote. O segundo também foi salvo por minhas pernas, novamente estragando a felicidade de Barrera. A bola sobrou para o argentino Ricardo Lunari na altura da marca de pênalti, um pouco mais para esquerda. Lunari era velho conhecido nosso. Um ano antes, no mesmo local, havia perdido a decisão da Copa Libertadores com o Newell's Old Boys. O meia do Universidad Católica, do Chile, encheu o pé. Eu encaixei.

Admirado com o que acabara de presenciar, o zagueiro Gilmar bateu com os braços nas minhas costas, e eu ainda no chão, com um medo danado de ele encostar a mão na bola. Vai que o juiz resolvia dar pênalti.

Perdemos em Santiago por 2 X 0, assustadores gols marcados no início do jogo, mas a apresentação de gala da primeira partida não permitiria que a taça ficasse com os chilenos. Injustiça tem limites. Até no futebol. Muita gente classifica o 5 X 1 da ida em São Paulo como o maior espetáculo dado pelo clube em todos os tempos.